

POR MARIA LÍGIA PAGENOTTO

UM ABSURDO RAZOÁVEL

Discutido por Platão, Hume e Camus, o suicídio é visto, em alguns casos, como uma saída diante da perplexidade em relação à vida

ILUSTRAÇÃO: IVACO BORRIFACO

“**S**ó há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma questão fundamental da Filosofia. De resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem em seguida”. Estas palavras são do escritor e pensador Albert Camus (1913-1960) e estão no ensaio *O Mito de Sísifo*, que trata da condição humana e do estarecimento diante do absurdo do mundo. O tema, abordado pelos existencialistas na segunda metade do século XX, sempre fez parte do discurso filosófico, desde Platão, que discutiu o suicídio em dois trabalhos, passando pelo escocês David Hume, que no século XVIII escreveu o ensaio *Do Suicídio*.

Vê-se em *Fedon*, de Platão, a descrição que o filósofo faz de Sócrates em seus últimos dias, defendendo a tese, associada à escola de Pitágoras, pela qual o suicídio é sempre um erro por liberarmos nossa alma do corpo em que Deus nos colocou. Depois, em seu outro trabalho (*Leis*), Platão afirma que o suicídio é uma desgraça e quem o comete deve ser enterrado em sepultura clandestina. No entanto, Platão afirma que “embora o suicídio não deixe de ser um ato de covardia,

praticado por indivíduos fracos demais para enfrentar as vicissitudes da vida”, há quatro exceções em que o suicídio é desculpado: quando uma mente é tão moralmente corrupta que para ela não há salvação; quando a prática é motivada por meio de ordens judiciais, como no caso de Sócrates; quando é cometido sob extrema e inevitável infelicidade; e quando é motivado por vergonha ou por ter o indivíduo cometido ato de grande injustiça.

OS ESTÓICOS, COMO CÍCERO,

por volta de 250 a.C, afirmavam que “sem os meios de ter uma vida que se desenvolva naturalmente, o suicídio pode ser justificado. Nossa natureza requer ‘certas vantagens naturais’ (o bem-estar físico) para que possamos ser felizes. E uma pessoa sábia, que reconhece não ter essas vantagens, vê que terminar sua vida não diminui sua virtude natural. Quando a vida de um homem tem preponderância de coisas ‘de acordo com a natureza’ é apropriado para ele permanecer vivo. Quando ele percebe uma maioria de coisas adversas é apropriado terminar com a vida”. O estóico romano Sêneca, ele mesmo condenado a cometer suicídio, diz que “o essencial não é simplesmente viver, mas viver bem”, e uma pessoa



CLIPART.COM

Maria Lígia Pagenotto é jornalista e escreve para esta publicação

Nicole Kidman interpretando a escritora Virginia Woolf, no filme *As Horas*, de Stephen Daldry. Ela (Virginia) se matou ao entrar num rio com pedras nos bolsos

DIVULGAÇÃO: EBA LUMIERE

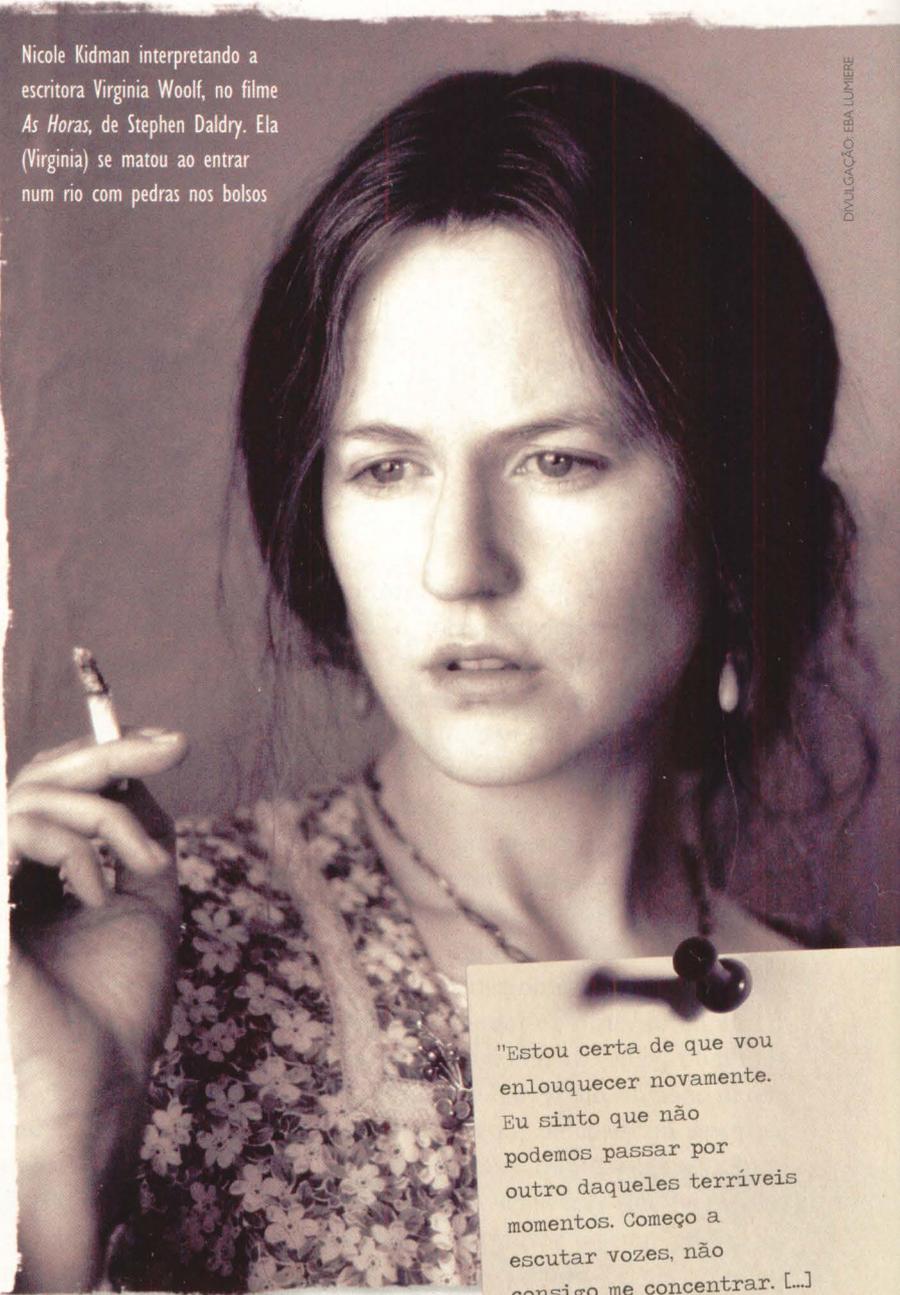
sábua “vive o quanto deveria viver e não o quanto ela pode viver.” Para ele, é a qualidade da vida e não duração que importa. Outro estóico, Catão, O Jovem (95-46 a.C), comete suicídio em nome da justiça e da liberdade para se opor ao Império Romano.

Por outro lado, o cristianismo condena drasticamente o suicídio com base no quinto mandamento (“Não matarás”), embora a Bíblia não faça nenhuma referência ao ato. Para Santo Agostinho, o suicídio é um pecado. Santo Tomás de Aquino baseou a proibição em três justificativas: o suicídio é contrário à inclinação natural da pessoa de amar a si mesmo; é um atentado à comunidade à qual a pessoa pertence; a vida é um bem dado ao homem por Deus e quem a tira viola o direito divino de determinar a duração de nossa existência na Terra.

More recomendava suicídio aos doentes incuráveis

Embora o Renascimento seja um contraponto à Idade Média, os intelectuais daquela época tinham a mesma posição da Igreja, ou seja, de condenação ao suicídio. Mas há duas exceções: Thomas More e Michel de Montaigne. Em sua *Utopia*, More parece recomendar o suicídio voluntário para os que sofrem de doenças incuráveis - embora o tom satírico e fantástico desse trabalho faça duvidar de que ele de fato

defendesse essa tese. Já Montaigne enumerou vários argumentos em favor do suicídio em seus *Ensaio*s (1580-1588), segundo o professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Jaimir Conte. “No final do ensaio *O bem e o mal só o são, as mais das vezes, pela idéia que deles temos*” (Livro 1, capítulo 14), Montaigne afirma, numa clara defesa do suicídio, que “se não vale a pena viver, viver sem



"Estou certa de que vou enlouquecer novamente. Eu sinto que não podemos passar por outro daqueles terríveis momentos. Começo a escutar vozes, não consigo me concentrar. [...] Portanto estou fazendo o que parece ser a melhor coisa a fazer" - trecho da última carta deixada pela escritora ao marido.

Virginia Woolf
(1882-1941)

O suicídio de indivíduos sozinhos ou em grupo deixou de ser um ato puramente privativo para ser público, como se fosse um *show*

É PRECISO IMAGINAR SÍSIFO FELIZ

Na mitologia grega, por ter desafiado os deuses, Sísifo recebe como castigo a tarefa de empurrar uma pedra ladeira acima. Quando chega próximo do topo, a pedra rola novamente e traduz falta de sentido do seu trabalho eterno.

“Se este mito é trágico, é porque o seu herói é consciente. Onde estaria, com efeito, a sua tortura se a cada pas-

so a esperança de conseguir o ajudasse? O operário de hoje trabalha todos os dias da sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que ele se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda a extensão da sua miserável condição: é nela que ele pensa durante a sua descida. [...] Se a

descida se faz assim, em certos dias, na dor, pode também fazer-se na alegria. Deixo Sísifo no sopé da montanha. [...] Cada grão dessa pedra, cada estilhaço mineral dessa montanha cheia de noite, forma por si só um mundo. A própria luta para atingir os píncaros basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz”. (Albert Camus, em Mito de Sísifo).

que valha a pena não é imprescindível. Ninguém verá prolongar-se o seu mal se não o quiser”, diz.

Uma defesa ousada e pouco católica desse ato aparece de forma mais clara no ensaio *A propósito de um Costume da Ilha de Cé* (Livro 2, capítulo 3). Neste ensaio, Montaigne apresenta as objeções daqueles que condenam o suicídio: “*Alguns consideram que não podemos abandonar este mundo em que estamos aquartelados, sem ordem expressa de quem nele nos colocou; e a Deus, que para cá nos enviou não apenas para nosso prazer, mas para sua glória e serviço de nossos semelhantes, cabe despedir-nos quando Lhe agradar e não quando nós o desejarmos. Não nascemos apenas para nós, mas também para a nossa terra. As leis, em seu próprio interesse, exigem que prestemos contas de nós e podem punir-nos como homicidas; por outro lado, no outro mundo seremos castigados por deserção*”.

EMBORA MONTAIGNE FAÇA

apologia do suicídio, ele admira o ato quando este é ditado por motivos nobres, explica Conte. “Seu elogio do suicídio relaciona-se também com a concepção que ele tem da morte e com o ideal de uma virtude estoica que ele preconizou nos primeiros ensaios”. Embora nos últimos ensaios suas concep-



CLIPART.COM

“Eis por que se diz que o sábio vive quanto deve e não quanto o poderia; e o que de melhor recebemos da natureza e que nos tira todo direito de queixa é a possibilidade de desaparecer quando bem quisermos. Criou ela um só meio de entrar na vida, mas cem de sair. Podemos carecer de terras para viver; não nos faltam para morrer. [...] E não se trata de receita para uma só doença. A morte é um remédio para todos os males, é um porto de inteira segurança que não é de se temer jamais e sim de se procurar não raro. Tudo consiste nisto: que o homem decida acabar, que corra à frente de seu fim ou o aguarde, é sempre ele que está em causa: em qualquer ponto que se rompa o fio, ei-lo fora do jogo. [...] A morte voluntária é a mais bela. Nossa vida depende da vontade de outrem; nossa morte, da nossa. Em nenhuma coisa, mais do que nesta, temos liberdade para agir”.

(Michel de Montaigne)

Hume afirma que quando a Filosofia se volta para a análise do suicídio, ela se torna um antídoto contra a superstição e a falsa religião

“Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?”

Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!

Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!

Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,

Uma desconsolação da epiderme da alma,

Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.

Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e na circulação do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...

E--xis--tir...

(Trecho do poema *Bicarbonato de Soda*, do português Fernando Pessoa (1888-1935), pela pena de seu heterônimo Álvaro Campos)

ções sobre a morte e a virtude tenham se transformado em relação ao tema, Montaigne manteve a admiração, por exemplo, de belas mortes, enriquecendo seus ensaios com anedotas extraídas de escritores gregos e romanos.

ASSIM COMO OS TEÓLOGOS

do Cristianismo, os protestantes da Reforma eram categóricos ao condenar o ato, abrindo, porém, a possibilidade de Deus tratar com benevolência o suicida, permitindo seu arrependimento. A visão cristã permaneceu forte até o final do século XVII, quando mesmo um pensador liberal como John Locke adotou os argumentos dos tomistas (comentadores da obra de Santo Tomas) dizendo que “Deus nos legou a liberdade pessoal, mas isto não inclui a liberdade de nos matarmos”.

O SUICÍDIO-ESPETÁCULO

O mundo moderno assiste estarecido ao aumento do fanatismo religioso e dos atentados cometidos pelos chamados homens-bomba, que dão a própria vida para destruir milhares de outras. O fenômeno, que começou em meados do século passado, chegou a seu auge no dia 11 de setembro de 2001, com o atentado, nos EUA, às torres gêmeas, tragédia de proporções até então desconhecidas chocando o mundo pela ousadia, frieza e planejamento. Para o psicólogo Raymundo de Lima, professor do

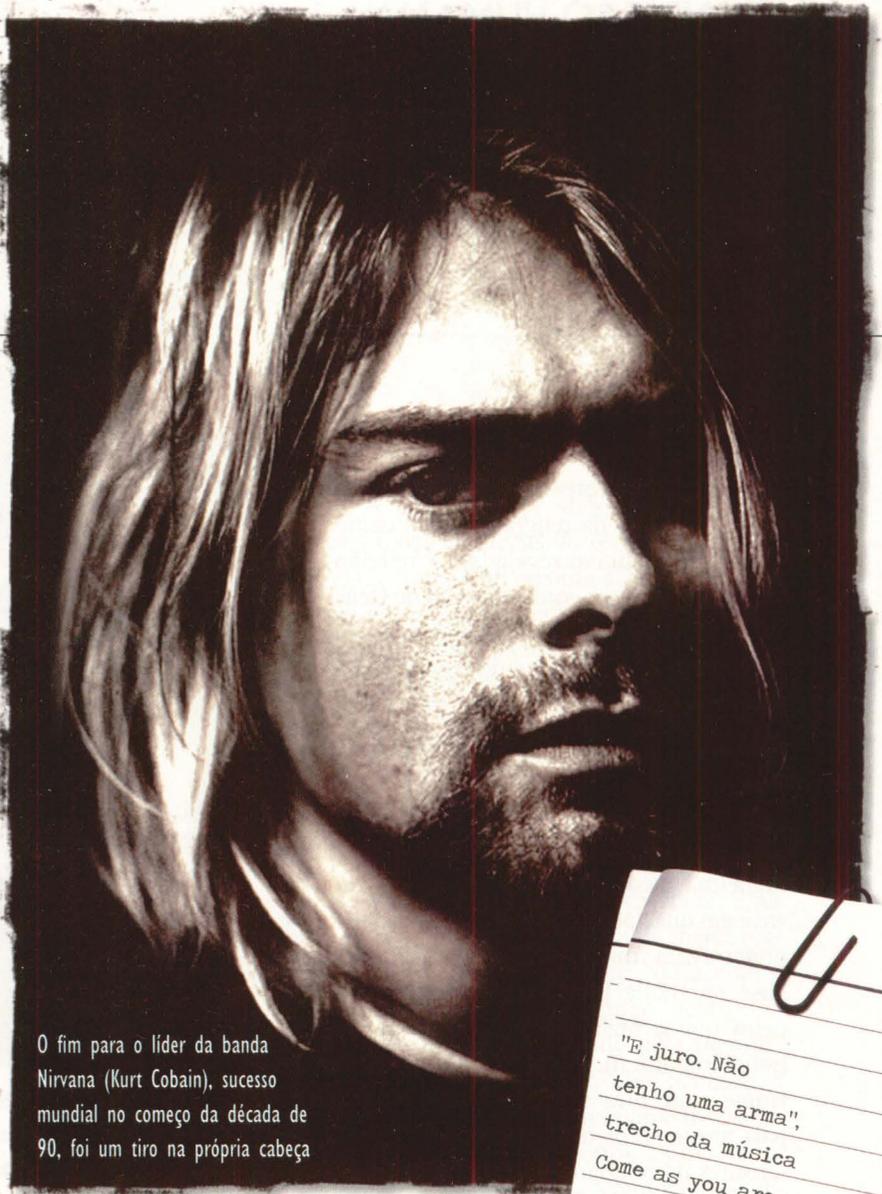
Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá, os ataques suicidas, antes noticiados como gesto de fanáticos, após o 11 de setembro de 2001 foram reconsiderados como um ato mais ou menos racional, e imprevisível.

Em seu artigo *O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo*, publicado na Revista Espaço Acadêmico (www.espacoacademico.com.br), Lima destaca a importância e as proporções que a mídia tem na ação desses terroristas: “O megaterrorismo deve ser visto

também como um suicídio espetacular do sujeito, que é representante de uma cultura dentro de uma sociedade globalizada que faz do espetáculo a sua estética e ética de vida”. E continua mostrando a mudança que sofreu o gesto suicida de solitário e anônimo para ato público, divulgado por todo o mundo. “O suicídio de indivíduos sozinhos ou em grupo deixou de ser um ato puramente privativo para sê-lo público, como se fosse um show, em nome de uma causa muitas vezes incompreensível, principalmente se esta

A primeira defesa moderna do suicídio foi de John Donne (1572-1631), em *Biathanatos*. Esta obra cita fontes clássicas e modernas, legais e teológicas para contradizer a doutrina cristã de que o suicídio é necessariamente um pecado. Donne afirma haver circunstâncias em que a razão recomenda o suicídio. E conclui dizendo não haver na Bíblia uma condenação explícita ao suicídio. E, ainda, lembra que o Cristianismo permitiu outras formas de matar como o martírio, a pena capital e as mortes na guerra.

O tratado de Donne foi um exemplo precoce das atitudes liberais do Iluminismo. Os filósofos deste movimento tendem a ver o suicídio em termos seculares, ligados ao indivíduo, sua psicologia e sua posição social. David Hume (1711-1776) deu voz a essa nova visão em seu ensaio *Do suicídio*, em que ataca praticamente



O fim para o líder da banda Nirvana (Kurt Cobain), sucesso mundial no começo da década de 90, foi um tiro na própria cabeça

"E juro. Não
tenho uma arma",
trecho da música
Come as you are.

Kurt Cobain
(1967-1994)

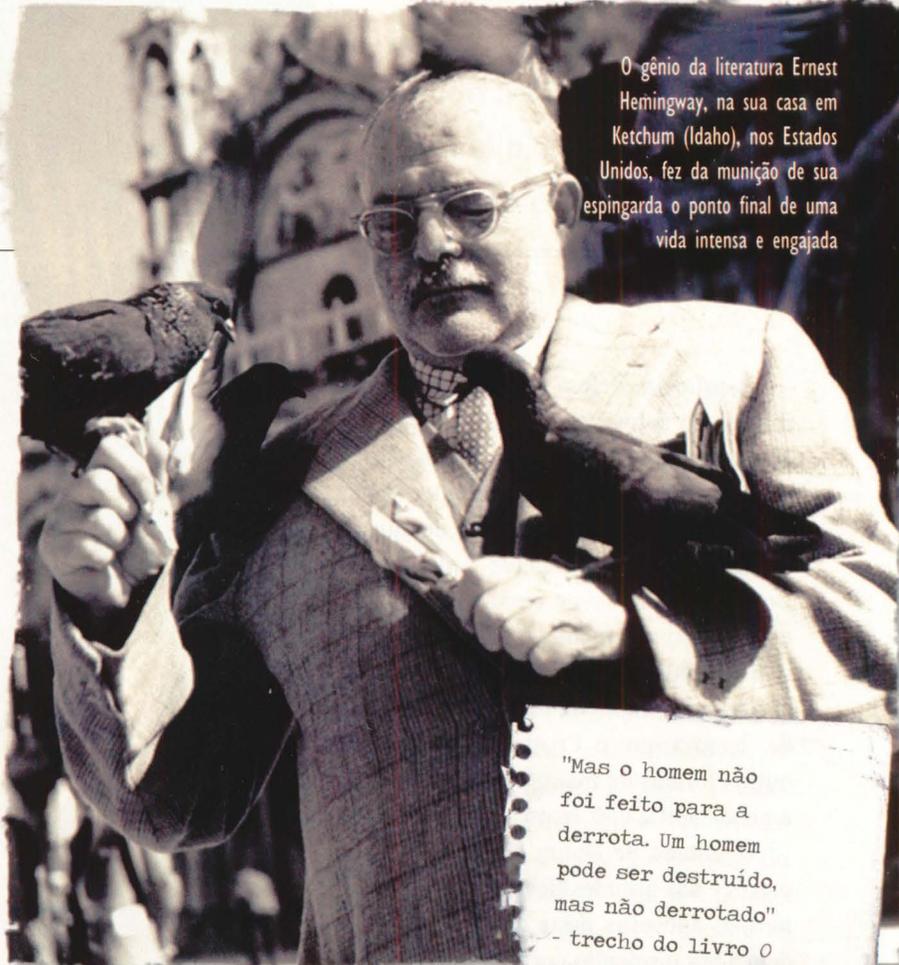
é direcionada para ser decodificada pela cultura ocidental". Assim, continua Lima, o suicídio terrorista, podendo acontecer em qualquer parte do mundo e a qualquer momento, mina qualquer forma de segurança preventiva, visto que não existe meio para contê-lo. "O ator do gesto suicida atua como se fosse personagem de uma tragédia, como que uma lei acima dele o empurrasse para o ato final", completa.

Esta alusão ao espetáculo se aplica também às tragédias que acontecem nos campi estadunidenses; na última,

em meados de abril, na Universidade de Tecnologia de Virginia, um estudante matou diversos colegas e depois suicidou-se. Em seu artigo, diz o professor: "A cultura norte-americana, historicamente violenta, soube projetar nos filmes homicídios e suicídios estetizados, porém, nas últimas décadas está sendo vítima de sua própria violência fabricada pelos meios virtuais, e também pelo estilo de vida que espalha pelo mundo". Para Lima, o suicida-terrorista é atingido por signos e termina também aspirando ter seus

30 segundos de glória macabra nas telas do noticiário da televisão, que ele não pode mais ver, mas pode gozar por antecipação, e a mídia não tem como evitar. "Como o sujeito de nossa época não mais acredita na idéia de revolução, deixa-se levar pelos ventos da paixão mística ou niilista, usando a morte do próprio corpo para expressar sua revolta contra um mundo sem coração. Morre o corpo para viver o transcendente", conclui.

todas as bases da crença cristã tradicional - tanto as bases da religião natural como as bases da religião revelada. "A religião revelada tomava o conhecimento de Deus contido na revelação, particularmente na Bíblia, como fundamento da crença cristã tradicional. A religião natural procurava fundamentar a crença cristã num conhecimento de Deus inferido da natureza por meio da lógica e da razão", conta Conte, que é tradutor da obra do escocês. Dessa maneira, a condenação do suicídio, no caso em questão, era feita tanto pelos que procuravam fundamentar a fé cristã com base na Bíblia (religião revelada) como pelos que o faziam com base na razão (religião natural). No ensaio *Do suicídio*, Hume concentra seu exame nos principais argumentos apresentados pelos defensores da religião natural.



O gênio da literatura Ernest Hemingway, na sua casa em Ketchum (Idaho), nos Estados Unidos, fez da munição de sua espingarda o ponto final de uma vida intensa e engajada

Na apresentação de seu livro *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos* (Editora Unijuí, 2006), que reúne

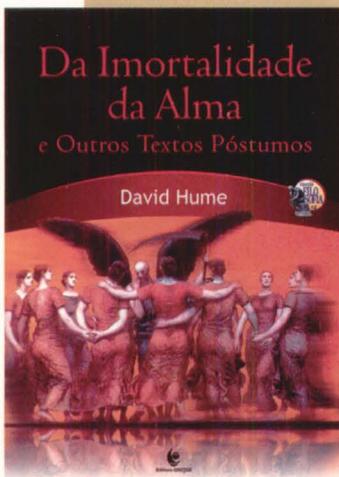
"Mas o homem não foi feito para a derrota. Um homem pode ser destruído, mas não derrotado"
- trecho do livro *O Velho e o Mar*

Ernest Hemingway (1899-1961)

A opinião filosófica segundo a qual o suicídio é um crime depende de se o ato constitui ou não uma falta para com Deus, para com o próximo ou para conosco. Segundo o argumento de Hume, dado que a vida

humana depende das leis gerais da matéria e do movimento, não constitui nenhuma ofensa contra a Providência divina mudar a aplicação dessas leis. Dado que podemos alterar todos os tipos de eventos naturais, afirma, por que não poderíamos alterar também aqueles envolvidos na conservação de nós mesmos? Por que admitimos e apoiamos a alteração do curso dos eventos naturais para benefício dos

homens, mas dizemos que mudar nossa própria natureza terminando uma vida de sofrimento é uma revolta contra nosso criador? Quando se considera o efeito social do suicídio, argumenta Hume, o homem que se suicida não faz nenhum mal à sociedade; ele simplesmente deixa de fazer um bem. Hume conclui que, "se consideramos o suicídio um crime, então só a covardia poderia nos levar a cometê-lo. Se não o consideramos um crime, a prudência e a coragem juntas nos libertarão de uma vez da existência, quando ela se torna um fardo. A única maneira pela qual poderíamos ser úteis à sociedade seria dando um exemplo que, se fosse imitado, preservaria para toda pessoa a oportunidade de felicidade na vida, e a libertaria eficazmente de todo perigo e de toda a miséria". - Jaimir Conte, na apresentação do livro *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos* (Editora Unijuí, 2006)

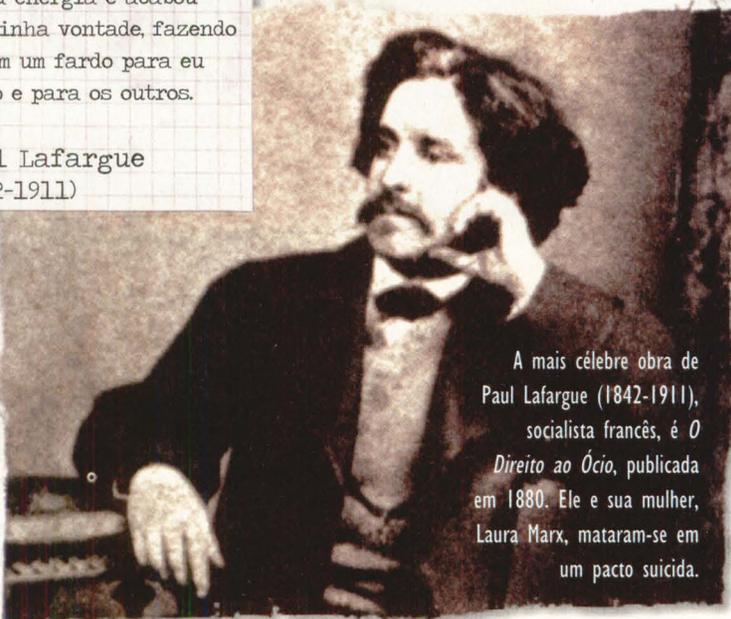


Para os existencialistas, o suicídio não era uma escolha moldada por considerações morais, mas por preocupações pelo indivíduo como a única fonte de significado num mundo sem sentido

três ensaios do filósofo escocês, inclusive o *Do suicídio*, Conte diz: “Contra todas as doutrinas religiosas, que sempre condenaram o suicídio, Hume alega que o suicídio não é imoral nem irreligioso. Argumenta que toda pessoa deveria ter o direito de decidir se deveria continuar a viver ou não. Apresenta, assim, um sério desafio às opiniões religiosas aceitas, na medida em que justifica, racionalmente, um ato expressamente condenado pela ortodoxia cristã. Hume afirma que quando a Filosofia se volta para a análise do suicídio, ela se torna um antídoto contra a superstição e a falsa religião”. Um ferrenho opositor ao suicídio nesse período foi Immanuel Kant (1724-1804), para quem “nossa razão é a fonte de nossa obrigação moral e seria quase uma contradição supor que essa mesma vontade possa destruir a si mesmo”.

Saúde do corpo e espírito, me mato antes da implacável velhice, que roubou um após o outro todos os prazeres e alegrias da existência, e tirou a minha força física e intelectual, paralisou minha energia e acabou com minha vontade, fazendo de mim um fardo para eu mesmo e para os outros.

Paul Lafargue
(1842-1911)



A mais célebre obra de Paul Lafargue (1842-1911), socialista francês, é *O Direito ao Ócio*, publicada em 1880. Ele e sua mulher, Laura Marx, mataram-se em um pacto suicida.

O SUICÍDIO É UM TEMA CARO

aos Existencialistas do século XX, que o viam como uma escolha diante do absurdo e da falta de sentido do mundo e da vida humana. Albert Camus demonstrou esse absurdo em seu livro *Mito de Sísifo*. Para ele, Sísifo, heroicamente, não tenta escapar de sua tarefa absurda, mas persevera e assim resiste à tentação do suicídio. O suicídio, pensa Camus, nos tenta com a promessa de uma liberdade ilusória do absurdo de nossa existência. E no fim não passa de uma fuga de nossa responsabilidade de enfrentar - ou aceitar - que o absurdo vai continuar. Jean-Paul Sartre também foi atraído pela possibilidade do suicídio como uma afirmativa da autêntica vontade humana frente ao absurdo. O ato, para Sartre, é uma oportunidade de afirmar a compreensão de essência individual em um mundo sem Deus. Para os existencialistas, o suicídio não era uma escolha moldada por considerações morais, mas por preocupações pelo indivíduo como a única fonte de significado num mundo sem sentido. ●

REFERÊNCIAS:

STANFORD ENCYCLOPEDIA PHILOSOPHY
(Suicide 18/4/2004)
<http://plato.stanford.edu/entries/suicide>

SUICIDE & PHILOSOPHY, MATTHEW PIANALTO
<http://comp.uark.edu/~mpianal/suicide.htm>

SINESIO BACCHETTO (Filosofia, PUC - Rio de Janeiro)

MARIA CECILIA LEONEL GOMES DOS REIS
(Doutora em Filosofia, USP)